

O SETEMBRO DOS BRAVOS



STORYLINE



A jornada de um homem pela quebra de suas correntes, por seu amor e por uma nova nação.

Formato: Minissérie em 15 capítulos

APRESENTAÇÃO



Em 1822, sob a ordem de uma sociedade secreta, um plano para assassinar D. Pedro I é colocado em andamento. A jornada dos bravos ocorre para evitar essa conspiração e tem em seu pano de fundo a luta de dois jovens africanos por seu amor e liberdade.

RESUMO



Na África Central, em 1818, a alegria de um festival de maioridade de guerreiros africanos é seguida por terríveis eventos de traição e escravização de vários povos de uma confederação.

Quatro anos depois, em setembro de 1822, agentes de uma sociedade secreta desembarcam no Rio de Janeiro com um plano de assassinato do príncipe D. Pedro. Com o herdeiro do trono português em deslocamento rumo a São Paulo, três homens são enviados para evitar que o terrível plano seja executado.

Kanu, um guerreiro africano escravizado, participa da jornada ao lado de um português e de um brasileiro. O africano sonha em reencontrar Zuri, mulher da qual foi separado no momento do embarque num navio negroiro.

O Setembro dos Bravos

narra essa jornada épica e é um mergulho na história e nos eventos que desencadearam a independência de nosso país.

SINOPSE



O Setembro dos Bravos é uma obra ambientada no início do século XIX, entre 1818 e 1822, em três continentes: África, Europa e América (Brasil). A obra retrata **a saga de um casal de africanos, Kanu e Zuri**, em busca de sua libertação dos horrores da escravidão, o que os leva a participarem de eventos relacionados à **independência do Brasil**.

Kanu e Zuri, jovens de povos diferentes no continente africano, quezeques e yalas, são treinados desde crianças para um ritual de maioridade que poderia até mesmo resultar em casamento para eles. Kanu precisava, aos quatorze anos, provar seu valor como guerreiro, ela, um ano mais velha, iria guiá-lo nesse festival onde tudo ocorreria. Ambos se apaixonam no evento e vivenciam uma noite de amor, mas uma traição feita pelo líder da confederação tribal, Dubaku, acaba levando à captura de seus povos e seu confinamento como prisioneiros rumo à escravização.

Antes da traição, Zuri, incorporada por uma orixá, prevê um destino duro para Kanu.

Pedro Alcântara, homem que perde um casamento após ser derrotado pelos quezeques, é o responsável pela cooptação de Dubaku e pela traição. Ele mata o pai de Kanu, Zuberi, e encaminha os dois amantes, em navios distintos, rumo ao destino de escravizados no Brasil.

Kanu vive os horrores do navio negreiro e sua história é retomada no Brasil. Zuri, durante a terrível jornada, além de ser violentada, é lançada ao mar após um ataque inglês à embarcação onde estava. Ela chega a desistir de viver, se entregando ao afogamento, mas é resgatada, de forma sobrenatural, por Yemanjá. Depois de ser retirada do mar e capturada por outro navio negreiro, a jovem vive outra experiência mística com a orixá das águas, desta vez dentro do navio. Graças a isso, Zuri se compromete a manter as tradições

africanas onde quer que estivesse.

Em 1822, em Lisboa, uma sociedade secreta portuguesa, de caráter liberal, discute um plano de intervenção no Brasil e o coloca em andamento. O plano consiste em assassinar D. Pedro, príncipe regente do Reino Unido do Brasil (à Portugal e Algarves). Um grupo de conspiradores é enviado num navio para a ex-colônia, mas o plano é espionado por Gonçalo, um jovem português, filho de nobre e leal ao príncipe.

Gonçalo embarca no navio e invade a cabine do capitão, lendo as ordens de eliminação do príncipe. Descoberto por um marinheiro, ele é chantageado e seguido no momento que desembarca no Rio de Janeiro. Na capital do Brasil o português é salvo por Kanu, agora escravizado na cidade. Hábil na capoeira, o africano age contra os homens que chantageavam Gonçalo e é contratado pelo português

para seguir os líderes da conspiração na cidade, o que faz imediatamente.

A história prossegue com um outro núcleo de escravos sendo capturado por um capitão do mato, sendo uma bela cativa, Hadiza, ameaçada de estupro pelo homem, chamado Gastão, que a mantém aprisionada em sua casa. Hadiza é salva por Kanu, quando o quezeque persegue e ouve a conversa dos conspiradores com o capitão do mato. O homem que capturava escravos fugitivos era um ex-militar português e é convidado pelos conspiradores, agora apoiados pelo poderoso traficante de escravos Pedro Alcântara, a participar da conspiração. Kanu orienta Hadiza a procurar Cora, uma mulher que ajudava cativos a fugirem rumo a quilombos.

Cora mantinha um namoro com Batista, um jovem ex-militar e comerciante, especialista nos caminhos entre MG, SP e RJ. Batista é





cooptado pelo frei Sampaio (personagem que realmente existiu), um frade franciscano favorável à independência do Brasil. Enquanto Cora auxilia Hadiza, Batista parte juntamente com Gonçalo e Kanu, por ordem do frei Sampaio, na "jornada dos bravos", que precisa encontrar D. Pedro e evitar o terrível plano disparado pela sociedade secreta.

A jornada ocorre concomitante à tentativa de Cora e Hadiza de chegarem ao quilombo da Pedra Furada. Os dois movimentos sofrem reveses enquanto se deslocam: o grupo de Hadiza sofre uma captura, mas consegue escapar, já o grupo dos bravos é atacado, pois os conspiradores são alertados acerca de seu movimento e agem três vezes contra eles.

Na primeira tentam envenenar o grupo, na segunda, no mesmo dia, organizam uma tocaia onde Gonçalo é ferido, mas Kanu, que havia ficado na retaguarda, salva

o grupo. Na terceira, uma nova tocaia, tentam novamente matar os três, mas são impedidos pelos quilombolas do mesmo quilombo onde Cora deixou Hadiza. Os bravos e seus opositores são aprisionados, um dos conspiradores é morto e Kanu é levado desacordado após sofrer forte pancada na cabeça. Hadiza, dessa vez, é quem salva Kanu.

Em Santos, Zuri é apresentada novamente no enredo. Escravizada, ela adota uma conduta de falso catolicismo, onde frequenta a igreja e até auxilia a educar outras cativas na religião dominante, mas nos bastidores, realiza os cultos africanos, lança os búzios e mantém o sincretismo com os orixás. Ela sofre com a perseguição de uma outra escrava, Antônia, mulher que derrotou na eleição da irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Zuri é a favorita do padre Júlio, que sabe que ela é uma falsa católica, mas que só revela isso no futuro.

Zuri vive um momento estranho em Santos, pois, com a visita de D. Pedro à cidade, é vítima de uma abordagem do príncipe junto a ela. O homem tenta agarrá-la e beija a yala à força, mas é contido pela escrava, que consegue escapar.

Também em Santos, um segundo plano para assassinar D. Pedro é colocado em andamento. O capitão do navio que trouxe Gonçalo, Vasco de Araújo, recebe a notícia da jornada dos bravos e parte rumo ao litoral paulista. Na vila de Santos, ele contrata um empregado de Leopoldo Gonçalves, "dono" de Zuri, o sargento-mor Rodrigues. Rodrigues deveria executar o plano de assassinato de D. Pedro, já que o primeiro plano havia sido comprometido. O homem ingressa na Guarda de Honra do príncipe e secretamente inicia um plano de envenenamento.

No quilombo, os bravos e parte dos homens que tentaram assassiná-los (o capitão do

mato, Gastão, consegue escapar) sofrem um julgamento pela liderança do local. A sentença, dada pelo rei do quilombo, um muçulmano, é a morte para todos, exceto Kanu. O rigor foi recomendado por um guerreiro, também islâmico, que ao se encaminhar para a execução da sentença, reconhece Kanu. Era seu irmão de armas, Akbar, cujo povo também tinha sido vítima da traição de Dubaku. A intervenção de Akbar salva os bravos, que, novamente livres, seguem viagem. De barco os três chegam até Santos, de onde deveriam subir a serra e chegar até São Paulo. Na vila portuária, Kanu e Zuri se reencontram, num ato de coincidência, em plena rua. Ambos não querem se separar, mas o brasileiro Batista promete conceder a alforria aos dois, por gratidão a Kanu. Zuri relata aos bravos o plano de assassinato de D. Pedro, por Rodrigues.

Na subida de Santos, o grupo de D. Pedro sofre a tentativa de envenenamento



da comitiva por precaução e a jornada dos bravos cumpre seu intento. Batista e Gonçalo não localizam Kanu e imaginam que ele havia fugido em busca de Zuri.

Batista resolve cumprir sua promessa e retorna para Santos, onde procura Zuri. A escrava vivia profunda melancolia, o banzo, por não ter visto mais Kanu. Batista entende que algo aconteceu com o escravo e resolve ajudar Zuri. Ele compra a liberdade dela e ambos passam a procurar o quezeque.

Kanu é encontrado na mata e auxiliado por um grupo de ciganos, onde Bomani, outro quezeque, era mantido como cativo. Mabel, uma jovem cigana, cuida com esmero dele, que se recupera e é vendido para a fazenda Santa Luzia.

Com a ajuda de um retrato de Kanu encontrado por Gonçalo no Rio de Janeiro, obra de um artista francês e com Mabel contando que ele realmente estava vivo,

Zuri e Batista descobrem onde está o quezeque. Um plano de resgate é feito com o apoio do quilombo da Pedra Furada e Kanu é resgatado, seguindo para uma área litorânea. Os outros escravos da fazenda de Santa Luzia também fogem com o grupo e são encaminhados para o quilombo.

Batista, Gonçalo e Kanu chegam até a praia, momento no qual Zuri avista Kanu, do barco, onde novamente Yemanjá reaparece, assim como Ogum, invocado por Kanu, depois de anos resistindo ao culto dos orixás. Os dois se reencontram e assim a história se encerra.



PERSONAGENS CENTRAIS

KANU

Jovem guerreiro africano que vence um festival de iniciação, mas é posteriormente capturado e escravizado no Brasil. Foi separado de sua paixão, Zuri, ao embarcar no navio negreiro e sonha em reencontrá-la.

Envolve-se com Hadiza, escrava que auxilia a fugir após a captura de um quilombo.

Suas habilidades como guerreiro são fundamentais para o êxito da jornada dos bravos e para evitar o assassinato de D. Pedro I.

Sua busca por Zuri e a nova escravização ao final da série dão ares de drama à produção.



ZURI

Jovem africana escravizada no Brasil. Apaixonada por Kanu, é capturada e separada dele, embarcando em navio diferente. No Brasil mantém vínculos secretos com práticas religiosas de sua terra de origem, mas finge ser uma católica modelo.

Sofre violências no navio negreiro, sobrevive a um naufrágio com a ajuda de Yemanjá e mantém relações místicas com a Rainha do Mar.

Seu reencontro com Kanu é um dos pontos altos da produção.



GONÇALO

Português leal a D. Pedro I, Gonçalo age como espião em Lisboa e dentro do navio que traz os planos da sociedade secreta.

É enviado pelo frei Sampaio na jornada, sofre um tiro de raspão numa emboscada, mas consegue terminar a missão recebida.

Retorna ao Rio de Janeiro e encontra na cidade um retrato que é fundamental para a localização de Kanu, que ajuda a libertar, inclusive rompendo os cadeados que prendiam Kanu, num gesto simbólico.



BATISTA

Comerciante, ex-militar brasileiro e rei dos caminhos entre MG, RJ e SP. É envolvido na jornada dos Bravos pelo frei Sampaio. Liderança do grupo, define os caminhos e usa seus recursos econômicos em alguns momentos.

Namora Cora, uma mulher de espírito livre e que irá auxiliar um grupo de cativos a fugir para um quilombo.

Possui fantasmas conscienciais por sua participação na repressão à Revolução Pernambucana, que lhe geram pesadelos. Kanu vai auxiliar o brasileiro na superação desses fantasmas do passado.

Sua ação irá gerar a libertação de Kanu e Zuri ao final da produção.



GASTÃO

Ex-militar português e capitão do mato. Surge no início das ações no Brasil ao capturar um grupo de fugitivos, entre eles, Hadiza, que tenta violentar.

É recrutado pelos conspiradores para atuar no assassinato de D. Pedro I e aceita. Move uma das tocaias contra os braves, mas é impedido pelos quilombolas.

É encarregado de executar D. Pedro, mas seu tiro fatal é frustrado por Kanu, que o atinge com uma lança.



PEDRO ALCÂNTARA

Miliciano que movia expedições de captura de pessoas para escravização na África e traficante de escravos. É o homem que move as traições que geram a morte do pai de Kanu e a captura do africano.

No Brasil, anos depois, como um rico traficante, é um dos financiadores da conspiração, mas a vê fracassar mesmo com suas tentativas e participação.

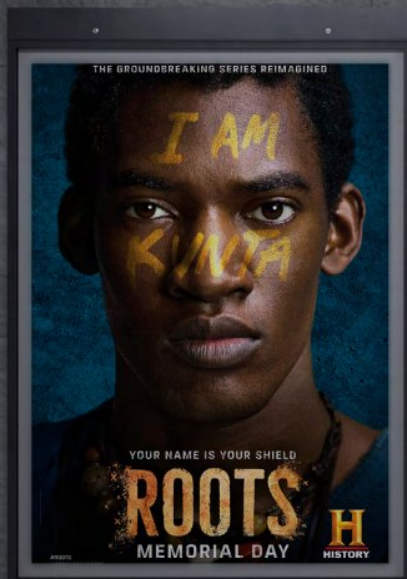
HADIZA

Mulher africana escravizada. É salva por Kanu na casa de Gastão e se apaixona pelo guerreiro. Filha de lansã, em alguns momentos é vista, de forma mágica, como a orixá. Sua origem foi de guerreira no Daomé, treinamento que abandonou por não concordar com a escravização que os daometanos geravam na África.

Luta ao lado dos quilombolas e evita o assassinato de Kanu. Ela também participa da libertação final do guerreiro nas últimas cenas da produção.



REFERÊNCIAS



APRESENTAÇÃO DO AUTOR



Marcus Vinícius Leite é escritor, professor e gestor escolar, tendo publicadas as obras "O Setembro dos Bravos" – Ed. Giostri (2021), descrita nessa apresentação e "Onde não Nascem Borboletas Azuis", publicação independente, obra que narra a saga de uma família de mulheres durante a Nova República brasileira e a defesa que fazem da democracia. É licenciado em História e Geografia, especialista em História do Brasil Contemporâneo e

atualmente cursa um MBA em Gestão Educacional pela USP-Esalq. Como professor possui alguns prêmios na área de educação, como o "Educador Inovador 2011 – Escola Particular", oferecido pela Microsoft Brasil e premiações pela criação e coordenação do projeto "Generocídio", que denunciava e combatia a violência contra a mulher na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

APRESENTAÇÃO DA DIRETORA



Isa Albuquerque é diretora, produtora e roteirista de três longas metragens: *Histórias do Olhar*, lançado em 2003, pela Imovision, atualmente acessível pela plataforma Imovision Reserva; *Ouro Negro* - um épico sobre os primórdios da história do petróleo no Brasil, lançado em 2010, pela Pandora Filmes, atualmente pode ser acessado na Amazon, além de *Codinome Clemente*, um longa documental sobre a trajetória de Carlos Eugênio Paz - o

Clemente, o terceiro dirigente da ALN - Ação Libertadora Nacional, que ainda será lançado, em circuito comercial pela O2Play . É pós-graduada em Ciências Humanas pela PUC do Rio Grande do Sul. É bacharela em Comunicação Social, pela Universidade Federal do Maranhão e mestranda em Ciências da Literatura pela UFRJ.



Isa Albuquerque

+55 (21) 97462-2828

E-mail: iriscinematografica@yahoo.com.br

www.iriscinematografica.com.br